

EDITORIAL

A quarta edição da Revista do Coletivo Seconba é composta por produções fruto das experiências do projeto *Quilombando: estágio de vivência em comunidades quilombolas do Território Velho Chico*, desenvolvido em parceria entre a Central Regional Quilombola do Território Velho Chico – CRQ, a Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB e a Universidade do Estado da Bahia – UNEB em todas as edições, e em 2019, contou com a adesão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Este projeto, coordenado e articulado pelos/as professores/as Tiago Rodrigues dos Santos (UFRB/Amargosa), Napoliana Pereira Santana (UFOB/Barreiras), Ádma Bernardino Magalhães (UNEB/Bom Jesus da Lapa) e pelo ativista social Joseílton de Oliveira Purificação (CRQ), constituiu-se do desejo de possibilitar aos/as estudantes das Universidades o contato vivencial com as comunidades quilombolas, para que a partir desta experiência, eles/as pudessem construir novos referenciais identitários e ressignificar informações que teriam anteriormente sobre como é um quilombo em sua estrutura material (espaço físico/geográfico), social, histórica e cultural.

Atentos a esta necessidade da superação da percepção mítica e da quebra de paradigmas de senso comum, dos estereótipos presentes fortemente no âmbito social, sobre os quilombos como esconderijos de pretos fugidos das senzalas no período da escravidão negra/africana no Brasil, o *Quilombando*, em suas quatro edições, tem sido um marco da formação em campo e nas diversas áreas de saberes dos cursos das três Universidades que formam um coletivo que empreende e se lança a novas possibilidades epistemológicas, a partir da escrita de novos currículos possíveis, através da ressignificação dos saberes das comunidades tradicionais dentro da academia.

Não basta existir novos corpos no grupo de estudantes que acessam estes espaços, como os estudantes quilombolas e/ou indígenas, é necessário que sejam acolhidos e se sintam menos estranhos no acesso aos saberes dos quais os cursos dispõem, que são eurocêntricos e decretam, muitas vezes, a morte dos saberes dos próprios docentes que neles atuam e compõem, provocando silenciamentos e desistências. Este é um fenômeno que Sueli Carneiro chama de “epistemicídio”. Existe, portanto, um grupo apto a dizer e construir verdades e outra a escutar

e disseminar estas verdades. É um processo perverso de deslegitimação de saberes, sobretudo, das pessoas não brancas, como a própria Sueli Carneiro aponta.

Apesar dos esforços e implementação das Leis 11.639/2003 e 11.645/2008, a história, a cultura e a complexidade das experiências de vida dos grupos e comunidades tradicionais (indígenas e negras) seguem sendo silenciadas e/ou deslegitimadas pelos currículos, tanto no processo de formação de novos educadores, quanto na qualificação dos já veteranos, o que impede que as referidas Leis sejam efetivadas na educação básica. Portanto, este cenário desfavorável a valorização das pesquisas, das histórias e do legado cultural dos povos tradicionais exigem atuações ainda mais ousadas, que reeditem as revistas, as referências de leituras, que tragam para este palco autores/as brasileiros/as, latino americanas/os, negros/as, índios/as, onde suas vozes sejam ouvidas e suas visões de mundo inseridas enquanto parte da formação educacional e pessoal das crianças, dos jovens, das pessoas mais velhas, de modo que estas pessoas se sintam mais valorizadas. Os reflexos do trabalho de ressignificar debates e conteúdos no/do espaço acadêmico e concomitantemente na/da sociedade como um todo, só serão alcançados quando mais e mais pessoas compreenderem estas existências negadas e negligenciadas, acessá-las e degluti-las. Este desafio começa e termina na educação.

Urge que seja o quanto antes e, neste sentido, o Quilombando tem sido um passo extremamente importante. O Projeto tem ampliado a cada ano e já atingiu oito dos dezesseis municípios do Território Velho Chico na Bahia e dezoito comunidades quilombolas: Paratinga – Quilombo: Poção do Santo Antônio (Lagoa do Jacaré); Malhada – Quilombos: Tomé Nunes e Pau D’arco e Parateca; Muquém do São Francisco – Quilombo Fazenda Grande; Serra do Ramalho – Quilombos: Pambú, Estreito, Água Fria e Barreiro Grande; Carinhanha – Quilombo Barra do Parateca; Barra – Quilombo Torrinha; Sítio do Mato – Mangal/Barro Vermelho; Bom Jesus da Lapa – Quilombo Rio das Rãs, Araçá-Cariacá, Fortaleza, Lagoa das Piranhas, Juá/Bandeira, Lagoa do Peixe e Bebedouro.

A seguir, são apresentados artigos de estudantes das universidades envolvidas que, em parceria, constroem o projeto. Estes trabalhos são fruto de pesquisas desenvolvidas posteriormente à experiência vivida, e muitos deles são parte de Trabalhos de Conclusão de Curso. No primeiro artigo, de **Thaís Fátima Assis de Araújo**, estudante de Pedagogia da UNEB/Campus XVII, intitulado **Quilombando: reflexões e transformações a partir de vivências em comunidades quilombolas**, a autora faz uma escuta sensível sobre o projeto que

gerou estes estudos, utilizando-se de pesquisa cartográfica, mapeando sensações vividas, saberes construídos e partilhados pelos envolvidos no projeto, circunscrevendo em sua análise o Quilombando como uma ação efetiva e bem-sucedida, de caráter decolonial e transgressor das práticas e conteúdos hegemônicos e eurocêntricos em que a Academia ainda se baseia.

Na sequência, temos o artigo de **Luzia Marielle Silva**, estudante do Curso de Direito da UFOB/Barreiras, com o título: **“Cada pessoa é uma amálgama de grandes histórias em potencial”**: reflexões sobre memória e narrativas quilombolas. A partir da história oral, a autora faz uma análise sobre a sua vivência no quilombo de Fortaleza (Bom Jesus da Lapa), com foco nas narrativas partilhadas pelos moradores da comunidade para evidenciar o processo de formação histórica, social, político e cultural daquele quilombo, considerando a reconstrução do passado que lhe foi apresentado pelos integrantes da comunidade.

Os autores **Douglas Novais da Silva**, estudante da Licenciatura em História pela UFOB/Barreiras, e **Roseni Oliveira Ferreira**, estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pela UFOB/Barreiras, refletem no artigo **A memória no fortalecimento das identidades quilombolas de Torrinha e Fazenda Grande** aspectos da memória para o fortalecimento das identidades quilombolas a partir de suas vivências em Torrinha (Barra) e Fazenda Grande (Muquém de São Francisco). As memórias dos moradores dos referidos quilombos foram analisadas através de metodologia do tipo etnográfico, adotando-se como método o uso de entrevistas orais.

No texto **Infância quilombola: aspectos identitários na prática educativa**, proposto por **Sheilla Zillane Souza Almeida**, graduada em Pedagogia pela UNEB/Campus IX, identidade e infância são analisadas no contexto escolar quilombola da comunidade de Tomé Nunes (Malhada). A pesquisa buscou levantar evidências identitárias características da identidade e infância quilombola de Tomé Nunes, e se estas são verificáveis na práxis educativa da escola. Para composição do seu trabalho, a pesquisadora utilizou-se de metodologia etnográfica. Os resultados indicam que os elementos que caracterizam a infância analisada são perpassados por traços da identidade local e que a escola integra essas características aos conhecimentos escolares, fortalecendo o sentimento de pertencimento.

Finalizando esta edição, o trabalho sob o título **Ações socioculturais e diálogo de saberes: caminhos para um ensino de ciências inclusivo e plural**, de autoria dos pesquisadores Ítalo Anderson Rodrigues Martins, licenciado em Física pela UFOB/Barreiras, e

Suiane Ewerling da Rosa, docente do curso de Física da UFOB/Barreiras, propõe-se a repensar o ensino de Ciências a partir de discussões sobre diálogos de saberes, problematização da realidade e dialogicidade em comunidades tradicionais. A pesquisa-ação permitiu a imersão e intervenção em atividades educacionais e culturais da comunidade quilombola de Lagoa do Peixe (Bom Jesus da Lapa). Através de rodas de conversa, entre outros meios, foi possível conhecer saberes tradicionais e fazê-los dialogar com outros conhecimentos próprios da ciência reconhecida pela escola. Dentre os encaminhamentos, há a sinalização para a preservação e valorização da pluralidade cultural, próprios das comunidades tradicionais, no âmbito educacional, em confronto com a hegemonia científica nos currículos e nas práticas socioeducacionais, perspectivas que contribuem para um ensino de ciências plural e inclusivo.

As percepções sobre os diversos espaços das comunidades tradicionais quilombolas que são apresentados nesta edição da Revista do Coletivo Seconba, reiteram a importância e a riqueza proporcionada pelo *Quilombando: estágio de vivência em comunidades quilombolas do Território Velho Chico*, por ser esta uma estratégia transformadora e transgressora do *status quo* do perfil curricular e profissional de que dispõem as Universidades. Revela ainda a urgência de investimentos em reedição de propostas curriculares e perfis dos cursos acadêmicos de licenciaturas e bacharelados comprometidas com a integração dos saberes tradicionais e combates das desigualdades sociais, políticas e epistemológicas que ainda afetam e negam as populações negras, indígenas e quilombolas.

Ádma Bernardino Magalhães (UNEB)

Setembro de 2020